

DENISE GAYOU L. R. ESTEVES¹

A FESTA DA QUEIMA DAS FITAS NO PROCESSO DE CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA *COMUNIDADE ACADÉMICA*

1. INTRODUÇÃO

Este trabalho de investigação procura, em síntese, criar um espaço de reflexão crítica sobre a complexidade de um objecto de estudo, – festa da Queima das Fitas – numa perspectiva articulada com os processos de afirmação de identidades culturais colectivas, essenciais na construção simbólica de uma comunidade, quer pela partilha de referentes simbólicos, quer pela manutenção das suas fronteiras simbólicas.

Para tornar mais clara a leitura do texto, este encontra-se dividido em três capítulos. No primeiro capítulo faz-se referência aos objectivos propostos para este trabalho assim como às especificidades do objecto de estudo e do trabalho de campo. É ainda neste capítulo, o momento para uma descrição da metodologia utilizada, assim como são apresentadas as hipóteses levantadas por este trabalho de investigação.

Para o segundo e terceiro capítulo são levantadas duas hipóteses estruturantes. A primeira hipótese diz respeito a uma concepção de colectivo e mudança social implícita na formulação dos imaginários e representações sociais que estão na base da construção da comunidade académica. A primeira hipótese, devidamente sustentada pelo contexto etnográfico estudado, procura perceber o modo através do qual a construção de um imaginário simbólico e das representações colectivas da comunidade académica em Coimbra se tornam parte integrante no processo de formação identitária colectiva, através das manifestações festivas que a celebram². Assume-se, segundo esta hipótese, que a conceptualização de categorias sociais, entre as quais a de comunidade académica traduz-se – mediada pelo ritual da Queima das Fitas – na partilha colectiva de referentes

¹ Antropóloga.

² Embora apenas seja analisada a festa da Queima das Fitas, através de três eventos específicos (Jantar de Gala, Baile de Gala e Chá Dançante) que a constituem, também a Latada representa um momento crucial nas comemorações da Academia de Estudantes da Universidade de Coimbra.

simbólicos utilizados, eficazmente, na construção dessa mesma comunidade, também ela simbólica.

A segunda hipótese é analisada durante o terceiro capítulo deste trabalho onde se assume que durante o processo de construção das identidades são fundamentais os diferentes significados atribuídos à participação ritual. Ou seja, a forma como essa participação é assimilada na idiossincrasia das experiências vividas dos sujeitos, na construção de significados próprios.

Deste modo, reflectir-se-á sobre os diversos significados que cada indivíduo atribui à festa da Queima das Fitas e ao significado atribuído à participação nos diferentes momentos do evento, bem como as diversas motivações e representações que cada indivíduo tem de Coimbra, da “Comunidade Académica” e do significado atribuído à experiência vivida.

Segundo esta hipótese, é em relação a símbolos objectificados, no momento da Queima das Fitas, evocando uma articulação entre “tradição” e “comunidade académica”, que um colectivo humano se imagina e se representa, projectando-se durante a prática ritual enquanto membro de uma comunidade. A legitimação de símbolos objectificados, durante e através de práticas culturais, parece constituir uma arma de negociação e um constructo social profundamente emotivo, com diferentes significados e, por isso, importante na redefinição da identidade colectiva.

1.1. METODOLOGIA

Para cumprir os objectivos referidos anteriormente, num primeiro momento, a metodologia utilizada consistiu no trabalho de campo, através da presença no terreno e da observação participante, onde foi analisado o objecto de estudo: Jantar de Gala, Baile de Gala e Chá Dançante da festa da Queima das Fitas, da Universidade de Coimbra, no ano de 2005.

Para a realização do trabalho de campo foi utilizado o método indutivo, uma vez que não estava delineado, *à priori* e de forma concreta, o objectivo teórico a alcançar. A presença no terreno decorreu durante a preparação e concretização das respectivas actividades, enquanto estratégia de análise dos diferentes sentidos e formas de celebração dos diferentes momentos da festa. Esta estratégia metodológica mostrou-se fundamental enquanto plataforma inicial de entendimento sobre as diferentes expectativas, motivações e significados atribuídos pelos sujeitos à participação ritual.

Numa segunda fase, optou-se pela realização de entrevistas semi-estruturadas. Para tal foram denominadas sete categorias principais de intervenientes que, directa ou indirectamente, influem

na celebração da Queima das Fitas: *Participantes; Familiares; Não Participantes*³; *Organização da Queima das Fitas; Pelouro do Baile; Convidados de Honra; Reitoria*.⁴ Esta fase da investigação permitiu a aquisição de um conhecimento empírico que foi posteriormente complementado pelo levantamento e análise documental (historiografia) sobre a Universidade de Coimbra, bem como sobre as suas festas académicas e as continuidades e transformações que vão sofrendo, enquanto meios de celebração da “Comunidade académica”, de forma a ter um entendimento diacrónico e global da festa.

Finalmente, foi realizada uma análise documental que permitiu uma reflexão crítica produzindo uma plataforma comparativa entre o material empírico e teórico sobre o processo da construção de comunidades simbólicas assim como das suas fronteiras simbólicas e, conseqüentemente, da sua relação na reconfiguração das identidades culturais.

1.2. OBJECTO DE ESTUDO

Apesar do objecto de estudo proposto para esta investigação ser a Festa da Queima das Fitas, por limitação de tempo e, conseqüentemente, pela exequibilidade do trabalho de campo, segundo os prazos previamente estipulados, tornou-se necessário delimitar o objecto de estudo e circunscrever a problematização teórica. Apresentou-se como alternativa metodológica – face à impossibilidade de fazer trabalho de campo sobre todas as actividades da Queima das Fitas, a análise de três momentos específicos da festa. O Jantar de Gala, o Baile de Gala e, ainda, o Chá Dançante, que decorrem durante a semana de maiores festejos da Queima das Fitas em Coimbra, foram as três actividades escolhidas para a realização do trabalho de campo. Deste modo, tornou-se possível, durante um período de seis meses⁵ analisar o material empírico e suportar teoricamente o objecto de estudo analisado.

A pertinência da escolha destes três momentos prende-se com o reconhecimento, dentro e fora da “Comunidade académica”, da sua relevância na manutenção do “espírito”⁶ da Queima das Fitas, estando, por isso, inscritos no conjunto de memórias construídas sobre a festa e sobre a

³ Define-se como *não participantes*, aqueles estudantes da Universidade de Coimbra que, por questões ideológicas, não participam, deliberadamente, nas celebrações da Queima das Fitas. A denominação comum desta categoria é de estudantes ‘anti-praxe’.

⁴ Por uma questão de limitação de tempo na análise de algumas entrevistas, optou-se por não incluir neste relatório as entrevistas dos *Familiares*, dos *Convidados de Honra* nem da *Reitoria*.

⁵ O Estágio de Iniciação à Actividade Científica, tendo início no mês de Maio, teve duração de seis meses tendo sido finalizado no mês de Outubro.

⁶ Os informantes – participantes e não participantes destas actividades – partilham todos da opinião que estes eventos (principalmente o Baile de Gala e o Chá dançante) são de grande importância para o “*espírito*” (conceito utilizado pelos informantes) da festa.

própria “Comunidade académica”. Simultaneamente, são actividades que geram leituras díspares e controversas, dentro e fora da “comunidade académica”. Deste modo a prática destas actividades e o discurso sobre as mesmas geram um campo de confrontação que, segundo a hipótese aqui explanada, permite criar novos significados reformulando a dimensão social e cultural assumida pela festa da Queima das Fitas.

1.3. ESPECIFICIDADES E DIFICULDADES DO TRABALHO DE CAMPO

Esta investigação teve início na semana anterior à realização da Queima das Fitas. Assim, é assumido, à partida, um risco maior que o usual. Uma vez que o objecto de estudo desta investigação, de natureza periódica e cíclica, se concretizou na semana posterior, a pesquisa e a elaboração teórica foram concluídas depois da elaboração do trabalho de campo. Como consequência, e como já foi referido anteriormente, a presença no terreno decorreu sem um postulado teórico totalmente definido. Assim apenas, perante os resultados do trabalho de campo foi possível delinear, concretamente, qual a orientação teórica e a abordagem a utilizar, durante o decurso da investigação.

Por outro lado, o trabalho de campo apresenta-se como um processo que depende tanto do contexto envolvente como do próprio investigador, assim como da escolha dos informantes que se apresenta fundamental para o estudo, uma vez que a sua identidade social influencia o acesso a outros agentes sociais, importantes para o estudo. Neste sentido, e como sugere Davies, C. (1999), o trabalho de campo é uma experiência de transformação quer para o investigador, quer para os informantes sendo, por isso, um processo criativo em que ambas as partes estão relacionadas.

2. O IMAGINÁRIO E AS REPRESENTAÇÕES COLECTIVAS NO PROCESSO DE FORMAÇÃO IDENTITÁRIA

No essencial, ao longo deste capítulo, analisar-se-á o processo da construção simbólica da comunidade académica, no contexto de Coimbra, durante a Queima das Fitas, que se crê ser dinamicamente inscrita e incorporada no acto ritual. Para tal, numa primeira instância, procuraremos, através de uma análise diacrónica da festa, concentrando-nos nos principais momentos de mudança e continuidade da sua celebração, problematizar a morfologia actual da festa.

A esta análise, segue-se uma reflexão sobre as múltiplas componentes que parecem ser estruturantes no processo da construção simbólica da comunidade académica. Assim, será

analisado o processo de diferenciação de uma comunidade em relação a outros grupos sociais, expressando-se, deste modo, a necessidade de delimitação de fronteiras simbólicas. Consequentemente, analisar-se-á a relação entre a integração e a assimilação de elementos extrínsecos à comunidade, simultaneamente, com o processo de diferenciação e exclusão desses mesmos elementos.

2.1. CONSTRUÇÃO SIMBÓLICA DA COMUNIDADE E DAS SUAS FRONTEIRAS

O conceito de comunidade, quando circunscrito no discurso das ciências sociais, torna-se ambíguo, altamente subjectivo e, por isso, alvo de reflexão crítica. Qualquer definição de um conceito implica a existência de uma teoria que a suporta. A definição de comunidade torna-se particularmente problemática, uma vez que as teorias que se desenvolveram em seu torno têm sido bastante controversas. Actualmente, uma das interpretações do conceito presta particular atenção à sua utilização, em detrimento do seu significado léxico. Segundo esta abordagem, a existência de uma comunidade implica que os seus membros desenvolvam entre si algo em comum, que lhes permita a diferenciação enquanto grupo, distanciando-se de outros colectivos sociais putativos. Uma vez que o conceito comunidade implica, simultaneamente, similaridade e diferença é expressa uma ideia relacional: a oposição de uma comunidade em relação a outras entidades sociais.

Tendo deixado de ser problematizada em termos de instituição ou prática social, a comunidade, passa a ser entendida enquanto mecanismo simbólico que permite uma reflexão sobre a diferença cultural podendo, assim, ser entendida como meio privilegiado para a consciência cultural colectiva. Foi esta reconfiguração conceptual da comunidade, a sua ‘levitação’ enquanto uma ideia, que a legitimou enquanto símbolo para a identidade colectiva, mediada pela subjectividade individual. Entende-se ainda que os indivíduos se tornam conscientes da comunidade quando se apercebem das suas “fronteiras simbólicas”.

Por definição, a fronteira simbólica marca o início e o fim da comunidade (Cohen, 1985: 12). Por este motivo, são fundamentais na construção da comunidade enquanto delimitações mentais construídas pelos indivíduos que, de diferentes formas, interagem uns com os outros. Assim sendo, a comunidade existe por meio de um processo de construção simbólica da semelhança entre os seus membros e da acentuação da diferença relativa a outras comunidades. A manutenção desta dialéctica é concretizada pela manutenção simbólica das fronteiras da comunidade, levada a cabo, individualmente, pelos seus membros. Acrescenta-se ainda que a fluidez das fronteiras depende da

subjectividade individual, crucial na fluidez da conceptualização da própria comunidade, alterando-se com as diferentes percepções e significados que cada um lhe confere. Enquanto conceito subjectivo, as fronteiras simbólicas estão imbuídas de um significado diferente conforme as expectativas e interpretações individuais dos seus membros. Por esse motivo se destaca o aspecto simbólico das fronteiras na construção da comunidade. Face a esta variabilidade de significados e da fluidez implícita na percepção dos limites, a consciência da comunidade é mantida pela manipulação dos seus símbolos (Cohen 1985: 15). As categorias sociais construídas são, por isso, marcas simbólicas dessa comunidade.

Actualmente, a comunidade é reflectida, conjuntamente, com o conceito de identidade colectiva uma vez que as duas são entendidas enquanto constituintes e operantes na estrutura das relações sociais. As fronteiras “encerram” ou definem a identidade da comunidade e, tal como a identidade individual, é expressa e resulta das interacções sociais. Representam, segundo esta abordagem, marcos simbólicos, uma vez que uma comunidade interage com entidades com as quais se assemelha ou se quer distinguir (Barth 1969 in, Cohen 1985: 12).

Anthony Cohen sugere que ‘comunidade’ representa uma estrutura intrincada de relações e modos de pertença social. Significa isto que está directamente relacionada com a consciência individual e colectiva de pertença a um grupo, que, por sua vez, implica um processo de conceptualização e consciencialização da própria comunidade. Por isso, os indivíduos constroem, simbolicamente, uma comunidade, transformando-a num recurso e num repositório de significados e num referente para a sua identidade (Cohen 1985: 13).

Por outro lado, segundo abordagem de Arensberg e Kimball (1962), a *integração* é o factor fundamental e função suprema da comunidade. Uma apropriação comum das formas (modos de comportamento) pelos membros da sociedade: “*uma forma de pensar, sentir e acreditar*” (Kluckhohn 1962: 25 in, Cohen 1985: 20), em que o seu conteúdo (significados) pode variar conforme as interpretações e expectativas dos seus membros. Esta abordagem considera a comunidade como um fenómeno cultural que é construído em termos do seu significado, por pessoas, através de recursos simbólicos. A comunidade é, portanto, um símbolo que expressa as suas próprias fronteiras. Enquanto símbolo, é apropriada colectivamente pelos seus membros, mas os seus significados variam conforme as perspectivas pessoais.

Geertz (1973) afirma que a cultura é contínua e dinamicamente, (re)criada pelas pessoas através das suas interacções sociais, sendo que os veículos para a sua interpretação são os símbolos evocados (Geertz 1973 in, Cohen 1985:17). Por outro lado, o simbolismo torna-se particularmente explícito durante e através de rituais que representam um importante meio de experimentação da comunidade. Neste sentido, o ritual confirma e reforça a identidade social e o sentimento de

pertença social a um colectivo. É, então, possível falar da eficácia dos símbolos na manutenção de fronteiras, uma vez que é criado um sentido de pertença e de identidade colectiva, em simultâneo com o aumento da consciencialização da diferença entre os grupos, através da evocação de símbolos, colectivamente partilhados, pelos membros de uma comunidade (Cohen 1985: 54).

Neste ponto, torna-se relevante referir Victor Turner (1967; 1969), quando este refere que as ocasiões rituais são também elas simbólicas e comunicam a diversos níveis, por isso são “*multi – vocais*” e “*multi – referenciais*”. “*A multi-vocalidade das celebrações permite aos participantes comunicar uns com os outros sobre eles próprios e, simultaneamente, comunicar numa variedade de formas com diferentes audiências exteriores* (Turner 1967; 1969 in, Cohen 1995: 57)”⁷.

Deste modo, a comunidade, enquanto símbolo de uma identidade colectiva, permite comunicar as diferenças e semelhanças em relação a outras entidades colectivas. Por outro lado, em relação à participação individual dos seus membros, permite comunicar as experiências individuais de cada sujeito dentro do grupo e na sua dinâmica com o mundo, mediado pela sua ligação com a ‘comunidade’. Ambos os processos permitem ao indivíduo construir e experimentar as fronteiras sociais (Cohen: 1985: 54).

Assumindo como orientação a reflexão de Victor Turner e de Anthony Cohen, para o contexto etnográfico deste trabalho, o momento ritual é um momento privilegiado, onde a multi-vocalidade dos símbolos assume uma expressão e uma percepção acrescida. Por outro lado, a controvérsia entre os discursos sobre a Queima das Fitas e a sua prática ritual, remetem-nos para a dialéctica existente entre a individualidade e o colectivo no processo de construção simbólica da comunidade e, inevitavelmente, das suas fronteiras simbólicas.

2.2. ANÁLISE DIACRÓNICA DA QUEIMA DAS FITAS

A festa da Queima das Fitas realiza-se periódica e ciclicamente uma vez por ano. Iniciando-se, no ano de 2005, no primeiro dia do mês de Março, sucedeu-se até ao final do mês de Agosto, com actividades que envolveram as secções desportivas e culturais⁸ da A.A.C.⁹ com a participação de convidados nacionais e estrangeiros. Porém, o auge das celebrações aconteceu no início do mês

⁷ “*The multi-vocality of the celebration permits participants to thus communicate with each other about themselves and, simultaneously, to communicate in various ways with different outside audiences*” (Turner 1967; 1969 in, Cohen 1995: 57).

⁸ As actividades da Queima das Fitas iniciaram-se com a apresentação do novo número da revista *Via Latina*, terminando no dia 27 de Agosto com um torneio de ténis: “*University Ladies Open*”.

⁹ Associação Académica de Coimbra.

de Maio (de 6 a 13 de Maio), com as seguintes actividades: *Serenata Monumental; Sarau de Gala; Baile de Gala das Faculdades; Garraçada; Venda da Pasta; “Queima” do Grelo e Cortejo dos Quartanistas; Chá Dançante e Noites do Parque.*

Desde 1980 até à actualidade, a festa da Queima das Fitas realizou-se ininterruptamente, todos os anos. Porém, no ano de 2002 o núcleo de estudantes de Arquitectura propôs a não realização da Queima das Fitas, como forma de protesto e manifestação do descontentamento dos alunos da Universidade de Coimbra, em relação às políticas educativas vigentes. Foi deliberado, em Assembleia Magna (órgão máximo deliberativo da A.A.C. aberto a todos os sócios da A.A.C.), um referendo sobre a suspensão da Queima das Fitas. Face a esta possibilidade, a Associação Comercial e Industrial de Coimbra, assim como os Institutos Politécnicos propuseram-se a assumir o compromisso da organização da Queima das Fitas. Contudo, após a votação dos estudantes para se decidir a suspensão da Queima das Fitas, esta realizou-se, mais um ano, sob a organização da sua Comissão Organizadora¹⁰.

Apesar do primeiro acto conhecido das festas ligadas à Queima das Fitas, já com um programa estruturado, datar de 1901, a continuidade do evento foi, várias vezes, posta em causa. Nos anos de 1921 e 1962 a Queima das Fitas não se realizou. O mesmo aconteceu durante 1968 e 1969, com a crise académica e consequente determinação do luto académico, suspendendo também a praxe e o uso da capa e da batina por parte dos estudantes, posteriormente, recuperados nos finais dos anos 70. Em 1972 estudantes do quarto ano, em plena rebeldia ao luto académico ainda em vigor chegaram a realizar alguns festejos e a editar cartaz e selo, não conseguindo realizar o Cortejo.

A Revolução de Abril não terminou com a greve académica e é apenas em 1979 que a Direcção Geral da Associação Académica de Coimbra organiza a I Semana Académica de Coimbra constituindo um reforço para os que queriam voltar aos festejos da Queima das Fitas, apesar da persistência dos que queriam continuar o luto académico.

Em 1980, aqueles que se opunham ao regresso das festividades académicas, travados também por cisões de índole política, não conseguiram impedir festejos que em muito se assemelhavam à Queima das Fitas. *“A cidade adere à iniciativa e as lojas são decoradas com motivos alusivos à*

¹⁰ A Comissão Organizadora da Queima das Fitas, como o nome indica, é o órgão da Associação Académica de Coimbra responsável pela organização do evento. Esta comissão é constituída por três órgãos: Comissão Fiscalizadora, órgão constituído pelas entidades supervisoras; Comissão Central, órgão eleito pelos *Grelados* (alunos do 3º ano da faculdade) e, por último, Secretariados Técnicos. A Comissão Central é constituída por oito elementos (cada faculdade elege um quartanista da sua faculdade), sendo eles: Presidência da Comissão Central; Comissário da Produção; Comissário das Infraestruturas; Comissário do Baile; Comissário do Cortejo e Garraçada; Comissário do Desporto; Comissário da Cultura e um Tesoureiro. Durante o trabalho de campo foi estabelecido contacto com a Comissão Fiscalizadora e com a Comissão Central.

festa dos estudantes”¹¹. Este foi um período de "arrefecimento" do período revolucionário, na qual a sociedade portuguesa entra num processo de normalização democrática – em que aparecem os primeiros sinais de estudantes interessados em aderir a um movimento de regresso às origens da tradição académica que, anteriormente, estava praticamente banida. Assim, de 23 a 28 de Maio desse ano, realizou-se novamente, em pleno, a Queima das Fitas com um programa completo e uma assistência ao Cortejo que o *Diário de Coimbra* estimou em mais de duzentas mil pessoas.

Estes foram, sumariamente, os momentos de mudança e continuidade, mais marcantes e representativos na história da Queima das fitas na medida em que se tornou perceptível a tensão existente dentro da comunidade académica, bem como os diferentes significados atribuídos ao próprio ritual criando-se, neste movimento, um novo sentido e significados para a comunidade académica e para a festa que a celebra. Uma vez que a percepção de mudança social é objectificada através da festa, entende-se a comunidade enquanto recurso cultural com o qual é possível conceptualizar e responder à mudança.

2.3. A COMUNIDADE ACADÉMICA EM COIMBRA E OS OUTROS GRUPOS SOCIAIS

No artigo 1º do regulamento interno da Queima das Fitas, pode ler-se que “*A Queima das Fitas é uma festa da academia de Coimbra, inserida na sua associação e enquadrada na tradição académica coimbrã*”¹².

A Queima das Fitas, segundo o entendimento do Dux¹³: “ (...) é o expoente máximo em termos de comemoração da Academia (...), pode ser entendida como uma comemoração do final do ano e como um ‘adeus’ daqueles que estão a terminar, porque a maioria dos eventos são dedicados àqueles que estão a terminar o curso, nomeadamente para aqueles que estão no penúltimo e último ano do curso”. Assim, actividades como o Jantar de Gala, Baile de Gala, Chá Dançante, a Bênção das Pastas, a Venda da Pasta, a Verbena e a Garraiada são, segundo o mesmo informante, actividades com um significado particular para aqueles que estão no final do curso.

¹¹ Texto de Augusto Alfaiate especialmente concebido para o portal informativo da região centro www.regiaocentro.net

¹² In, Regulamento da Queima das Fitas.

¹³ O Dux ocupa a hierarquia mais alta da praxe e é um *Veterano* (Em princípio, o estudante com mais inscrições na Universidade) que é eleito em *Conselho de Veteranos* para esse cargo. Os Veteranos são todos os estudantes que têm mais inscrições que as necessárias para terminar o curso. Em termos gerais, pode-se dizer que a praxe divide os estudantes em dois grupos: os "caloiros" (alunos do primeiro ano) e os "doutores". Dentro desta última categoria, cabem vários graus hierárquicos, dependendo do número de inscrições.

Em relação ao público-alvo da festa, afirma ainda: *“É uma festa de estudantes, feita por estudantes, para estudantes e convidados. Sendo que os convidados são toda a população de Coimbra e de todo o país que queira cá vir.”*

Depreende-se, deste testemunho, que durante o ritual, os símbolos são partilhados por aqueles que participam no mesmo universo simbólico, através do qual as categorias sociais são expressas e definidas. Contudo, o significado atribuído a esses símbolos depende das experiências idiossincráticas dos membros do grupo social. Assim, os símbolos são mais um veículo de interpretação dependente, neste contexto etnográfico, da posição hierárquica e simbólica dentro do grupo. Segundo a opinião de S. Rosário¹⁴ *“(...) a Queima das Fitas é a explosão delirante da Academia e constitui, para os Quartanistas Fitados, o ponto de passagem para o derradeiro trajecto da vivência estudantil coimbrã. Para os restantes, corresponde a uma nova definição de grau, sobem mais um grau hierárquico na praxe, para os caloiros a emancipação, daí levarem na testa os “cornos” que os “obriga” a pôr os pensos na testa e, para os Veteranos, o fim da caminhada”*. Em relação à função da festa, outro informante, não participante na festa afirma que *“... Ao nível de ritual praxista quando era só uma elite a estudar era a celebração dessa mesma elite. Quando houve uma massificação do ensino, era uma celebração da mobilidade social. Agora, está a voltar a ser uma elite novamente, mas isto continua a ser uma celebração ostentatória. Pelo menos é o que eu depreendo de todos aqueles rituais e de todos aqueles festejos, desde a Latada à Queima das Fitas”*.

A Queima das Fitas engloba momentos diferenciados para os diferentes grupos de estudantes universitários que nela participam, quer pela sua estrutura, quer pelos significados atribuídos às actividades que a compõem. Assim, é consensual, entre os estudantes da Universidade que: *“(...) Nestas manifestações, os principais visados são os grelados, que vão pôr as fitas, e os finalistas, que vão pôr cartola e bengala. De acordo com a ‘tradição’, apenas os novos fitados podem ir nos carros do Cortejo e os cartolados vão a pé, a abrir o Cortejo”*, afirma um informante do pelouro do Baile de Gala.

Tal como para o Baile de Gala e Chá Dançante, onde existem normas que têm que ser cumpridas para a participação ritual, no Código da Praxe, editado pelo Conselho de Veteranos, é descrito o modo como os estudantes da Universidade de Coimbra devem integrar o cortejo da Queima das Fitas, de forma a *“dignificar a praxe académica e a sua Universidade”* (In, Andrade M. [D.L. 1983]) através da apropriação e manipulação dos seus símbolos. Assim, a cada categoria hierárquica construída para os elementos que constituem a comunidade académica correspondem

¹⁴ Testemunho completo (in, Queima das Fitas/1º centenário da A.A.C.).

símbolos que devem ser utilizados e apropriados de forma uniformizada. Entre essas categorias constam: os *Bichos* – alunos do 1º ano da faculdade; os *Pastranos* – alunos do 2º ano da faculdade; os *Grelados* – alunos do 3º ano da faculdade; os *Novos Fitados* – alunos do 4º ano da faculdade, os *Cartolados* – alunos do último ano da faculdade e finalmente, os *Estrangeiros* – estudantes de outras universidades. Para todas estas categorias sociais, existem regras estipuladas para se poder participar nas comemorações, como por exemplo: “*Os Novos Fitados devem trajar Capa e batina, devem usar a pasta da praxe com as respectivas fitas da cor da Faculdade a que pertencem, que anteriormente soltaram após a queima do grelo. Os estudantes de Medicina podem, como é da tradição, usar sobre o traje académico a bata branca*”¹⁵.

Torna-se claro, que é a leitura e o significado atribuído a estes símbolos, no presente, que lhes confere a função de comunicar mensagens que, por sua vez, assentam na evocação da “tradição” e “autenticidade” e que são colectivamente apreendidas e apropriadas.

Contudo, apesar de ser maioritariamente definida como uma festa de estudantes, actualmente a Queima das Fitas é entendida como uma festa que também engloba a cidade de Coimbra. Por esse motivo, segundo a percepção do Dux, “*a Queima das Fitas representa um ex-libris não só dos estudantes mas também dos Futricas*”¹⁶.

A importância da festa para a cidade é entendida, pelos estudantes, segundo duas dimensões complementares. Por um lado, em termos económicos, proporciona um momento vital para o tecido económico, pela movimentação de pessoas e capital que impulsiona. Contudo, além de ser um acontecimento importante para a economia local, entende-se que representa uma imagem de ‘marca’ da cidade. Segundo o Dux, “*sendo que a cidade de Coimbra é uma cidade universitária há sete séculos, a sua imagem está obrigatoriamente ligada à Universidade, aos estudantes e ao fado*”. Continua, dizendo: “*a cidade é conhecida pela festa da Queima das Fitas e não pelas festas da Rainha Santa Isabel*”¹⁷. Segundo uma informante participante na Queima das Fitas, “*Coimbra é conhecida pelos estudantes e a Queima movimenta a cidade de uma maneira inacreditável*”. A mesma opinião é partilhada por outros informantes não participantes no evento: “*Apesar de potenciar um certo misticismo no imaginário comum das pessoas através das festas e sobre a universidade, acaba por ser uma boa publicidade*”.

Os estudantes entrevistados (*participantes e não participantes*) assumem que a Queima das Fitas desempenha uma função importante na manutenção de uma imagem e de um imaginário de

¹⁵ In, Andrade, Mário Saraiva de.; Barros, Victor Dias [D.L. 1983]. “Código da Praxe Académica de Coimbra”. Coimbra Editora. Coimbra.

¹⁶ Os *Futricas* são os habitantes de Coimbra.

¹⁷ A Festa da cidade de Coimbra é em honra da santa Padroeira da cidade, a Rainha Santa Isabel.

Coimbra e da própria comunidade académica, representando o nome e prestígio de Coimbra. Como reconhecimento da sua dimensão e importância para a cidade: “*foi pensada e projectada, no Parque da Canção, uma estrutura de palco e uma estrutura de apoio a artistas quase exclusivamente para a Queima das Fitas*” (Participante). Pela dimensão alcançada, a Queima das Fitas, além de ser representada como uma festa da academia de Coimbra é, ainda, imaginada como uma referência a nível nacional em relação a outras festas académicas, recebendo delegações de estudantes de outras Universidades nacionais e internacionais.

A associação entre a celebração da Queima das Fitas e o seu carácter exclusivo, e, por isso, diferenciador e autêntico, torna-a característica distintiva da festa, da cidade¹⁸ e da comunidade académica de Coimbra. Este facto é compreendido e incorporado como definidor de uma identidade académica e da identidade da própria cidade. Esta representação da cidade, segundo os estudantes entrevistados justifica a existência de uma “identidade coimbrã”, associada à Universidade. “*A identidade de Coimbra é a identidade da Universidade uma vez que a imagem que é transmitida lá para fora é precisamente a imagem da Universidade. Por algum motivo se chama a Lusa Atenas*”, testemunha o Dux.

O entrosamento da comunidade académica com os restantes grupos sociais em Coimbra torna-se particularmente visível durante a festa da Queima das Fitas. Veja-se pelos familiares dos estudantes que vêm (muitos pela primeira vez) a Coimbra na Queima das Fitas; assim como os motivos que decoram a maioria dos estabelecimentos comerciais em Coimbra nesse período; como a quantidade de patrocinadores da Queima das Fitas¹⁹. Esta relação de apropriação mútua entre a comunidade académica e os restantes grupos sociais permite uma reflexão sobre a festa enquanto um momento particularmente importante na reformulação da identidade colectiva e sobre a fluidez dos limites da comunidade académica. Uma vez que a comunidade se torna perceptível pela fronteira que a simboliza, ela adquire, para os seus membros, duas dimensões diferentes. Por um lado, é a forma que os membros da comunidade dispõem de tornar compreensível a percepção que os outros grupos têm de si – a face pública e normalmente estereotipada. Por outro lado, permite que os seus membros obtenham uma consciencialização da própria comunidade refractada pela complexidade das suas vidas e experiências – a face privada e idiossincrática (cf. Cohen 1985: 74). Podem ser atribuídos às comunidades, estereótipos do grupo como um todo, contudo, os membros dessa comunidade não se identificarão com essas imagens. Acharão sempre que são distorções

¹⁸ Foi recorrente, durante as entrevistas, os estudantes (*participantes e não participantes*) referirem-se às festas académicas de outras universidades, como sendo reproduções da Queima das Fitas de Coimbra.

¹⁹ Os patrocinadores da Queima das Fitas do ano de 2005 foram: Sociedade portuguesa de autores; Super Bock; Câmara Municipal de Coimbra, linha S. O. S.; Caixa Geral de Depósitos; Jornal de Notícias; S. A .S.U.C. (serviços de acção social da Universidade de Coimbra); Mega FM; Jogos da Santa Casa; Diário de Coimbra; Clusus; Ruc.

grosseiras da realidade, como realça Cohen (Idem). Se a identidade colectiva é criada no presente, então o mais relevante na determinação das afiliações culturais é a interacção com os “outros” e a prevalência das distinções e a diferenciação entre as comunidades.

Seguiremos com uma reflexão sobre a interacção entre a comunidade académica e grupos extrínsecos à comunidade, de forma a entender como a construção das fronteiras simbólicas é um processo dinâmico e, por isso, em constante redefinição. Neste ponto, será importante referir Cohen quando este sugere que as fronteiras simbólicas que delimitam as comunidades, definem a identidade da comunidade e são consideradas centrais para a reflexão sobre a própria comunidade uma vez que as comunidades interagem com outras entidades das quais se querem distinguir (cf. Cohen 1985: 12). A festa da Queima das Fitas é descrita como “propriedade” de um grupo específico – comunidade académica – que se diferencia enquanto grupo social mas que, contudo, é “permeável” a outras comunidades. A comunidade académica, definida pelos próprios intervenientes, torna-se, assim, mais que uma abstracção oratória. Em termos performativos esta comunidade materializa-se ou objectifica-se através das performances musicais (cânticos dos respectivos cursos), corporais (desde o trajar, às danças e à praxe); e pela escolha dos locais considerados “característicos” (a Via Latina ou as escadas monumentais são apenas alguns dos exemplos mais emblemáticos) para determinadas actividades como, por exemplo, a praxe. São performances que pretendem caracterizar e parecem distinguir a comunidade académica dos outros grupos sociais.

A consciência da comunidade está contida na percepção das suas fronteiras que, por sua vez, é constituída por pessoas em interacção. Neste processo de constante redefinição das fronteiras da comunidade, a diferença em relação aos outros grupos é incorporada e realizada simbolicamente. Este processo de distanciamento e a necessidade de distinção dos outros grupos sociais é, particularmente visível durante os momentos rituais. O ritual permite distinguir uns grupos dos outros e, nesse processo, o simbolismo torna-se particularmente explícito (cf. Cohen 1985: 14), onde as diversas dicotomias (entre fases e etapas no ciclo de vida; entre géneros e entre gerações) se tornam especialmente evidentes.

2.4. ANÁLISE EMPÍRICA SOBRE A INTEGRAÇÃO DE ELEMENTOS EXÓGENOS À COMUNIDADE ACADÉMICA

Das entrevistas realizadas, tornou-se claro que todos os informantes conheciam a Queima das Fitas mesmo antes de serem estudantes universitários, e muitos já tinham participado na

Queima das Fitas, mesmo antes de ingressarem no ensino superior na Universidade de Coimbra. Para todos os estudantes entrevistados, a sua percepção da festa começou antes da experiência de pertença efectiva à comunidade académica. Sobressai o facto de que todos tinham uma imagem formada (ou em formação) da Queima das Fitas, ora transmitida pela comunicação social, ora pelos amigos e/ou familiares mesmo antes de serem estudantes universitários que influenciou, naturalmente, a sua percepção e vivência da festa. Deste modo, é criada, simbólica e conceptualmente, um imaginário sobre a festa, em concomitância com a criação de expectativas em relação à cidade e à universidade.

A construção de um imaginário colectivo e as representações sociais de cada indivíduo sobre a Queima das Fitas deve-se, segundo os testemunhos analisados, a dois agentes principais: a comunicação social e os amigos e/ou familiares. Uma *participante* na Queima das Fitas reconhece que:

“ (...) A imagem que eu tinha era de concertos, bebida, bebida e bebida. Era uma semana de loucura. (...) Nessa altura a imagem que eu tinha [da Queima das Fitas] também se deve ao que os meus irmãos mais velhos me diziam ”.

Um outro *participante* revela:

“ (...) Os meus pais estudaram em Coimbra (...) depois a minha irmã e primos mais velhos que cá estudaram e me deram a conhecer as festas muito antes de eu entrar para a Universidade (...) O meu avô tem uma visão muito romântica da vida coimbrã, da capa negra, do cortejo das fitas e transmitiram-nos sempre essas ideias de estudar em Coimbra, usar o traje, a capa negra....”

O contraste na representação da Queima das Fitas traduzida pela alternância entre uma imagem romântica e uma imagem de alienação, muitas vezes transmitida pelos meios de comunicação social²⁰ corrobora a opinião de um informante *não participante*, de que, *“deve ser transmitida esta imagem para que se tenha uma visão mais esclarecida e crítica sobre a festa”*. No seguimento desta ideia, afirma que: *“ (...) Cria-se uma imagem comum e um imaginário do estudante universitário de capa e batina a cantar a serenata que está muito associado ao romantismo, mas havendo um jornalismo sério, também se cria a imagem do estudante bêbado, (...) que também é verdadeira”*.

²⁰ A reportagem da SIC/Visão sobre a Queima das Fitas de Coimbra: “Mãe, estou na Queima!”, incidiu na relação entre a Queima das Fitas e o consumo de álcool, focando algumas actividades consideradas “características”, levando a repórter a concluir: *“Estamos na Queima das Fitas, é suposto beber-se muito álcool!”*.

Pelo contraste nas representações da Queima das Fitas dos diferentes membros da comunidade académica, entende-se ainda que, apesar de partilharem os símbolos, o significado atribuído depende da interpretação individual que, por sua vez, se articula com vários agentes exógenos à própria comunidade académica.

Face a esta variação de significado, o sentimento de pertença e a consciência da comunidade é mediada pela manipulação dos símbolos que evoca.

Acresce-se o facto de que a Queima das Fitas não é uma manifestação que apenas implique os estudantes na festa, implica também os seus familiares, de forma directa (por exemplo, pela sua participação no Jantar de Gala) ou indirectamente, como revela uma *participante*: “ (...) Não era uma coisa que eu quisesse fazer, mas para os meus pais era importante que participasse. Bastante mais importante do que é para mim. (...) Os meus pais também já me perguntavam quando é, (...) Já estão habituados a ver na televisão e acabei por ir. Eles faziam questão de assinalar este momento (...)”.

Percebendo esta dimensão, a Comissão Organizadora da Queima das Fitas garante que: “Será, sem dúvida, um dos pontos altos da vida académica, que marca a vida de qualquer estudante da nossa Academia – como aliás das suas famílias e do público em geral”.

Segue-se uma possível justificação para que, também os familiares dos estudantes atribuam tanta importância à participação na Queima das Fitas: “ (...) Porque têm a imagem do doutor de Coimbra, essa imagem romântica, que Coimbra e os estudantes estão associados. (...) E, por exemplo, ver os filhos, netos, amigos ou irmãos no carro já é um sinal de que estás quase a terminar o curso e significa, por isso, sucesso e representa um motivo de orgulho para a família” (*Não participante*).

A existência de uma ‘comunidade académica’ não é apenas uma conceptualização inclusiva da própria comunidade. Enquanto categoria social ela é simbolicamente construída e reificada através da cerimónia ritual, experienciada e perspectivada por diferentes grupos que a ela se sentem pertencentes e àqueles que não pertencem à comunidade académica. O sentido de pertença e as ligações descritas neste trabalho são, simultaneamente, experienciadas colectiva e individualmente.

Os familiares são agentes activos no processo da formação da consciencialização da comunidade uma vez que influenciam na construção de um imaginário sobre a comunidade e sobre a Queima das Fitas e, por isso, actuam, directamente, no processo de construção de representações colectivas.

2.5. ANÁLISE EMPÍRICA DE TRÊS MOMENTOS DA QUEIMA DAS FITAS: JANTAR DE GALA, BAILE DE GALA E CHÁ DANÇANTE.

O *Jantar de Gala*, o *Baile de Gala* e o *Chá Dançante* são três momentos profundamente simbólicos e, por isso mesmo, altamente subjectivos, que marcam a experiência da Queima das Fitas. Todos estes eventos são marcados pela partilha de um universo simbólico muito próprio entre os seus participantes.

O Baile de Gala das Faculdades, também chamado "Baile da Queima", foi introduzido em 1933 e realizado, apenas nesse ano, no salão da Câmara Municipal de Coimbra, no "Ninho dos Pequenitos" de 1934 a 1936 e, no Ginásio do Liceu José Falcão, a partir de 1937. No ano de 2005 foi realizado no Quartel-general da Brigada Ligeira de Intervenção onde, segundo a Comissária do Baile “ (...) *este ano tentou-se proporcionar novamente um momento de ‘glamour’ de outros tempos*”. Desta forma, neste evento, foi recriado um espaço temático²¹, que teve o objectivo de criar o ambiente para as devidas apresentações.

No processo que envolve a revalorização do passado por parte dos diferentes agentes sociais, é possível falar, como já houve oportunidade de referir, de dinâmicas de apropriação dos símbolos, nas quais as manifestações desse passado são utilizadas como recursos culturais para construir as identidades do presente. São apropriações que têm em conta a estrutura simbólica destas manifestações, gerando, em novos contextos, (re)significações e (re)construções por meio das quais se produz uma verdadeira incorporação do passado no presente. Fala-se do passado e elaboram-se narrativas que reconstroem uma história partilhada e permitem “*fixar o discurso da memória individual no contexto da memória colectiva*” (Pujadas 1992:4, in Esteves 2004).

De todos as actividades realizadas durante a Queima das Fitas, segundo a Comissão Organizadora, e opinião partilhada também por alguns informantes participantes no evento, o Baile de Gala representa um dos momentos mais marcantes da festa. Segundo a comissária do Baile de Gala, delegada para a sua organização, este é um evento mediático, não só para a comunidade

²¹ Este ano, o tema do Jantar e Baile de Gala foi “Os Loucos anos 20”. Com este tema, o Pelouro do Baile quis, de forma criativa, explorar uma temática relevante para Coimbra, para a Universidade e para os estudantes. Durante a entrevista a comissária do baile revelou a dificuldade na escolha do tema uma vez que já foram exploradas muitas possibilidades: “*Coimbra; Guitarras e Tradição; Coimbra e a Universidade*”, entre muitos outros.

académica mas também para toda a sociedade coimbrã. Afirma por este motivo que: “ (...) o *Baile de Gala* continua a ser o grande evento social de Coimbra e da comunidade académica”.

Actualmente, segundo a mesma informante, o propósito do Baile de Gala, enquanto actividade integrada na Queima das Fitas, “é apresentar os fitados à sociedade”. Segundo outro membro da sua organização, “(...) trata-se, portanto, de um encontro social que permite um contacto real dos fitados com entidades oficiais e com a sociedade (...)”, como modo de “lhes abrir as portas para o mundo do trabalho”. Assim, esta manifestação “procura acolher os novos fitados da Universidade de Coimbra, bem como a restante comunidade académica e todos aqueles que a ela estão ligados”, contudo “apenas devem ser permitidos vestidos de baile, para as senhoras, e traje académico a rigor, casaca ou smoking, para os cavalheiros”.

Esta actividade realizou-se no dia 7 de Maio e iniciou-se com um jantar que contou com a presença de várias entidades “de reconhecido mérito ao nível académico e social²²”. Porque a Queima das Fitas assume uma dimensão e importância nacional, são convidados, a título de exemplo, vereadores da Câmara Municipal de Coimbra; Presidente da Câmara Municipal de Coimbra; Bispo de Coimbra, autoridades militares, Governador Civil, vários ministros da República (cultura, desporto, juventude), Primeiro-ministro, Presidente da República e o Presidente da Assembleia da República. Ainda demonstrativo da dimensão alcançada pela festa, o envolvimento e cooperação de entidades exógenas à “comunidade académica” é frequente na organização e realização da festa, assumindo, desta forma, que a Queima das Fitas já faz parte das actividades culturais da cidade de Coimbra. Assim sendo, “ (...) Todos os anos em Dezembro a Comissão Organizadora da Queima, vai à Câmara Municipal, à Reitoria, à Polícia e Bombeiros (...) enfim, a todas as entidades que nos podem ajudar, e depois de nos apresentarmos, pedimos colaboração. (...) Já quase faz parte das competências, do calendário e do trabalho deles, naquele tempo, acompanhar a Queima das Fitas”²³, afirma a comissária do Baile de Gala.

No mesmo local do Baile de Gala, mas quatro dias depois, realizou-se o *Chá das Cinco*, actividade que recebe, gratuitamente, todos os estudantes no espaço do *Baile de Gala*, onde é oferecido chá aos participantes. Nesse mesmo dia à noite, no mesmo local, realiza-se o *Chá Dançante* que é a última etapa na despedida dos fitados. Embora, durante o Chá Dançante, o ambiente seja bastante mais informal que no Baile de Gala, não havendo, nem um momento, nem

²² A lista de convidados especiais conta com 35 entidades. Além dos convites especiais existem os convites enviados a 30 membros da Comissão Organizadora.

²³ É cedido, pela Câmara Municipal de Coimbra a atribuição de licença do espaço a ser ocupado pela organização da Queima das Fitas, no intuito de realizar a festa, assim como licenças para o barulho e restauração. A organização da festa conta ainda com a ajuda da Polícia de Segurança Pública (PSP), INEM, Bombeiros Municipais e dos funcionários da Câmara Municipal de Coimbra para a recolha do lixo. Contam ainda com a cedência do espaço do Quartel-general da Brigada Ligeira de Intervenção.

um espaço de recepção aos convidados, a maioria dos convidados apresentou-se trajada com o fato acadêmico ou vestido de gala. *“O Chá Dançante consiste numa festividade muito característica do programa da Queima das Fitas, que procura dar oportunidade a todos os estudantes e pessoas interessadas para apreciarem o cenário do Baile de Gala das Faculdades”* – comenta um membro da organização da Queima das Fitas. Continua o seu testemunho dizendo: *“Para veres como as coisas mudam, antes o chá era para se ver o sítio onde se tinha realizado o baile, hoje em dia, é para destruir o sítio (...), a tradição tem que se adaptar ao novos tempos, antes era para os que não podiam vir ao baile de gala e vinham ver o sitio do baile.”* O Chá Dançante parece ser uma extensão do baile, nas suas funções e dentro da lógica da festa como um todo, como estrutura com princípio (jantar de gala), meio (baile de gala), e fim (chá dançante).

Neste contexto etnográfico, as mensagens sobre autenticidade e tradição evocadas durante as performances culturais, misturam-se com referentes quotidianos do presente. Assim, mesmo não partilhando um significado comum, a sua existência é assumida por um estudante *não participante* na festa: *“Quando uma tradição se prolonga há tanto tempo é porque significa alguma coisa”*. É nestes termos, que o passado é performatizado e interpretado no presente, por actores ou agentes sociais do presente. Por conseguinte, a “tradição”, símbolo que parece justificar as práticas rituais e que é evocada durante as performances tem, comumente, associada uma história, um passado e condensa ritos, rituais, e valores associados que são, pelo menos, respeitados.

Pela divergência interpretativa desses mesmos símbolos, o sentimento de pertença parece estar mais relacionado com a partilha de identidade com o grupo em si, enquanto entidade social, do que com a pertença a um território ou espaço físico: *“Uma pessoa sente que é parte de Coimbra. Fazes parte disto. Vestes o traje e sentes-te parte de um grupo enorme”*.²⁴

O sentimento de ligação a um grupo funciona nos indivíduos como um recurso com o qual se podem proteger e situar num mundo em mudança, precisamente porque a pertença é sentida, incorporada e apropriada através de conexões entre a partilha de experiências, relações sociais, histórias, territórios e práticas. Deste modo, as pessoas reivindicam a comunidade, quer na forma de localismo, quer na forma de etnicidade quando reconhecem que é o meio mais adequado para a expressão do *Eu* numa aceção global e relacional do conceito.

Vered Amit (2002) afirma: *“A comunidade não era simplesmente um local (...) tinha-se tornado o centro de uma convergência inextricável entre cultura, lugar, relações sociais intrincadas e identidade colectiva. Esta não era uma forma isolada e auto-contida de “ser consciente de um*

²⁴ Testemunho recolhido da reportagem televisiva produzida pela estação televisiva SIC: *“Mãe, estou na Queima”*.

grupo", mas antes uma forma fundamentalmente relacional²⁵ (Amit 2002: 5).”

É, reflectindo e experimentando as mudanças e continuidades em questões políticas, económicas e sociais, colectivamente, que se cria uma relação fundamental para a conceptualização da comunidade. Tal como Cohen sugere, o sentimento de pertença a uma comunidade envolve uma dimensão emocional, colectivamente construída (Cohen, 1985: 74). Assim, a partilha de experiências forma uma espécie de *intimidade cultural* (Herzfeld in, Amit 2002: 7) uma vez que os indivíduos se reconhecem entre si e às suas acções, procurando, nas acções dos outros, paralelismos com as suas (Cohen 1985: 14). Segundo Schwartz (1975), “*Esta marca contrastante é exactamente o que torna a noção de fronteira tão central para a compreensão da comunidade. Olhando para além da fronteira, as pessoas constroem o que têm em termos dos seus próprios estereótipos, esta visão extrínseca forma uma fracção auto-reflexiva da sua cultura* (Schwartz, 1975, in Cohen 1985: 109)²⁶”.

3. INDIVIDUALIDADE E INTERPRETAÇÃO DOS SÍMBOLOS NA COMUNIDADE

O processo que aqui é ilustrado é o da reconstituição da tradição e das fronteiras culturais através do uso de mecanismos simbólicos – especificamente através da reinterpretação de formas e estruturas de comportamento. Deste modo, o ritual além de alterar o relacionamento das pessoas, proporciona a manutenção de relações sociais que são vitais para a manutenção do grupo. Por fim, reflectir-se-á sobre a fluidez das fronteiras simbólicas através da análise da interpretação e significação individuais dos símbolos evocados durante o momento ritual.

3.1. O RITUAL ENQUANTO ESPAÇO DE PRODUÇÃO DE SÍMBOLOS E SIGNIFICADOS

Segundo Frias (2003), a passagem pela Universidade está repleta de momentos rituais, sendo que estes rituais são fenómenos simultaneamente regulares (cíclicos) e periódicos (2003: 101). Estes rituais funcionam como ritos de passagem (Frias 1998 in, Idem), uma vez que obedecem às

²⁵ “Community was not simply locale (...) it had become the nexus of an inextricable convergence between culture, place, intricate social relations and collective identity (...). This was not an isolated and self-contained form of ‘peoplehood’, but a fundamentally relational one” (Amit 2002: 5).

²⁶ “Such contrastive marking is exactly what makes the notion of “boundary” so central to an understanding of community. Looking outwards across the boundary, people construct what they see in terms of their own stereotypes, this outward view forming a ‘self-reflexive portion’ of the culture (Schwartz, 1975, in Cohen 1985: 109)”.

três sequências lógico – temporais determinadas por Van Gennep (1981): ritos de margem (isolamento e morte social); ritos de passagem (testes “escolares”; aprendizagens; iniciações; resistência física e ao álcool); ritos de integração (apadrinhamento, batismos e comensalidades).

Durante as actividades rituais da Queima das Fitas entende-se que a maior partilha entre os indivíduos é, efectivamente, a de símbolos. Nesta acepção, é através dos símbolos partilhados por aqueles que participam no mesmo ritual simbólico que as categorias sociais são estruturadas e expressas. Por outro lado, é reforçada uma consciência do que se é, do que nos liga uns aos outros e do que nos faz membros de uma comunidade e não de outra.

Sherry Ortner (1973) identificou os “*símbolos sumários*” como “*aqueles que conseguem condensar ou sintetizar um sistema complexo de ideias*” e, desta forma, entender o sistema como um todo, na sua globalidade (Ortner 1973 in, Linnekin 1990: 158). “*Estes símbolos não contém significados: evocam-nos.*”²⁷ (Keesing 1982 in, Linnekin 1990: 159). Não são as performances, os trajes ou a música, em particular, que representam ícones inerentes da “tradição”, contudo, são imbuídos desse significado no presente (Idem). Os trajes, as músicas, os adornos, as danças são os símbolos que evocam a tradição cultural e que são reconhecidos pela e na comunidade e fora dela.

A memória colectiva, segundo Paul Connerton (1999) é modelada pelo tempo, constituindo uma viagem através da história, que é revisitada e materializada no presente pelo legado material e imaterial, símbolos particulares que reforçam o sentimento colectivo de identidade e que alimentam no ser humano a reconfortante sensação de permanência no tempo (Connerton 1999: 42). O autor sugere que a existência da memória social atinge a sua máxima representação nas cerimónias comemorativas, na medida em que estas reivindicam, explicitamente, uma continuidade com o passado pelo seu carácter performativo (Idem: 44, 45). Remetendo para o contexto da Festa da Queima das Fitas, é nesta altura que se constrói uma concepção da cultura e comunidade académicas, reavivando a memória individual e colectiva sobre o que estas foram, são e devem ser. Por isso, Connerton entende que essas cerimónias comemorativas desempenham uma função significativa na configuração da memória comunitária (Connerton 1999: 71). Assim, o ritual tem a capacidade de representar simbolicamente uma identidade, evocando para tal, símbolos vinculados ao passado que nos tornam conscientes da nossa continuidade temporal enquanto grupo (Pratts 1997: 23, in Esteves 2004). Na forma como é concebida, a festa da Queima das Fitas permite a identificação dos indivíduos enquanto grupo aparentemente homogéneo encorajando a afirmação de uma comunidade – académica – e o distanciamento para com “outros”.

²⁷ “Such symbols do not *carry* meanings: they *evoke* them” (Keesing 1982 in, Linnekin 1990: 159) (Ênfase no original).

Será, então, na interacção destas duas estratégias (reconhecimento dos símbolos e agência sobre eles) que as categorias “nós” e os “outros” se formam e consolidam. Ou seja, pela evocação de símbolos característicos (ou tornados característicos) da “Academia de Coimbra”, pelo reconhecimento e apropriação desses símbolos, por parte dos diferentes agentes sociais que nela participam, é fortalecida a interacção entre os indivíduos enquanto grupo. É deste modo que a agência dos indivíduos sobre esses símbolos também se apresenta determinante para a redefinição das identidades colectivas.

Apresentada sob a forma de *performance cultural* assumindo a ocasião excepcional que são as festas, apresentam-se elementos considerados centrais dessa mesma cultura, leia-se “da tradição” [parte do discurso hegemónico da cidade incide no facto das apresentações serem representações da cultura académica, logo, tradicionais], através de sequências (mais ou menos) rituais, encenadas a partir de um discurso cultural, que se supõe tradicional, mas que pode, todavia, apresentar elementos ou *versões de inovação* (Raposo: 4, in Esteves 2004).

As *versões de inovação* (Idem), no caso da festa da Queima das Fitas encontram-se em múltiplas dimensões: o uso “desadequado” do traje académico; a orientação fornecida pelos fotógrafos que assistem aos rituais (por exemplo, durante o Jantar e Baile de Gala e Chá Dançante); a instalação de colunas de som nos carros do cortejo dos quartanistas; o aumento do período festivo, assim como a alteração de alguns locais das actividades rituais e a crescente mercantilização da festa, são apenas alguns exemplos. Tal como sugere Amit (2002): “*O que está em jogo na interacção entre mudança e as comunidades são as formas como a construção e desconstrução das comunidades criam um instrumento para as pessoas questionarem e para se localizarem num mundo que nunca está parado* (Amit 2002: 12)”²⁸.

3.2 INDIVIDUALIDADE DENTRO DA COMUNIDADE ACADÉMICA

Apresenta-se, como dado comum, que Coimbra é o local onde existe mais história, mais ‘tradição’ e “*uma comunidade mais unida em torno de algo em comum (testemunho de um participante)*”. A atribuição desta especificidade justifica-se, mais uma vez, pela referência a símbolos que permitem a mediação de relações sociais entre membros da comunidade académica e, conseqüentemente, a manutenção de uma identidade partilhada colectivamente:

²⁸ “(...) *what is at issue in the interaction between change and communities are the ways in which the construction and deconstruction of the latter provides a means for people to apprehend and locate themselves within a world that never stands still* (Amit 2002: 12)”.

“ (...) Coimbra é o único sítio do país onde mais de 90% têm capa e batina. Eu não encontro isso em mais lado nenhum neste país. É este ‘espírito académico’ que é único em Portugal e existe aqui em Coimbra, (...) é algo que está no ar e que as pessoas sentem. (...) Coimbra tem uma responsabilidade maior porque tem história, é um pólo de aglutinação de estudantes e isto é algo que cria uma identidade muito própria” (Dux).

O uso do passado é comumente utilizado para validar o presente e, particularmente, para justificar ou ratificar as nossas relações políticas contemporâneas. A continuidade ideológica e estrutural com o passado, a celebração da tradição – definida como autêntica mais do que putativa – (Linnekin 1983; Ranger 1983, in Esteves 2004), reforça o elo entre passado e presente e é objectificada nas e através da festa. Sustentada por discursos de continuidade entre o passado e o presente, a festa da Queima das fitas representa a forma objectificada de uma ideia dominante que assenta em associações com um passado e com uma ‘tradição’, facilmente recordado pela maioria: *“Para o chá dançante é suposto ires trajado e eu tenho medo que as pessoas comecem a desvirtuar o Chá, que se vá perdendo a essência do evento (...). Eu pensava que era um dado adquirido e que as pessoas soubessem que tipo de vestimenta usar nestes casos, mas pelos vistos não sabem” (Pelouro do Baile).* Por este motivo os convidados, que embora tenham comprado o bilhete mas não se apresentaram vestidos segundo as normas estabelecidas para o Chá Dançante, não puderam entrar na festa. Este facto revela que o comportamento e a performance ritual, na aceção dos membros da organização do Baile de Gala, devem estar coadunadas com o discurso estruturado sobre a festa e, conseqüentemente, a necessidade de se (re)criar uma imagem do Chá Dançante, que se pretende que perdurem no imaginário de todos, de modo a garantir a “essência” ou o “espírito” do Chá dançante. Para que exista a homogeneidade entre o discurso e a prática ritual são “escolhidos” apenas os elementos da comunidade académica que representem uma versão “autêntica” da “tradição académica”.

Os membros da comunidade passam, por isso, a ser símbolos de uma comunidade e de uma cultura que se pretende representar, para um público constituído por elementos pertencentes à comunidade académica e por um público externo a essa comunidade. É, desta forma que a festa da Queima das Fitas permite objectificar determinados elementos simbólicos (como sejam o traje, as músicas, o cortejo, a imposição de insígnias, entre outras) de uma comunidade, através de um processo que a torna, simultaneamente, representação e representativa de uma cultura.

Como facilmente se pode prever, esta representação do passado não é harmoniosa, surgindo conflitos, entre vários membros da comunidade, sobre a sua apropriação e sobre a forma da reconstituição da tradição. As diferentes apropriações e significações dos símbolos reconfiguram a prática ritual e reproduzem novas formas de celebração da “tradição”. As práticas culturais

consideradas tradicionais são reinterpretadas, reconstruídas ou reinventadas, sendo que este processo está assente em movimentos sociais que procuram constituir certas representações de memórias culturais para as transformarem em cultura institucionalizada (Raposo: 5, in Esteves 2004).

Segundo Turner, estes conflitos internos têm a sua justificação pois “ (...) *as normas e os valores, por um lado, saturam-se com emoções, enquanto a maior parte das emoções e as mais básicas, enobrecem-se através do contacto com os valores sociais (Turner 1967: 30 in, Cohen 1985: 102). Os símbolos do ‘passado’, miticamente intemporais, têm precisamente esta competência, e alcançam uma eficácia particular durante os períodos de troca social intensa, quando as comunidades têm de abandonar as suas âncoras culturais mais pesadas para conseguirem resistir às transformações actuais (Cohen 1985: 102)*²⁹”.

Uma vez que nem o ritual, nem os significados são inerentes ao objecto de estudo, os objectos – neste caso as práticas rituais – são imbuídos de significados que cada agente ou actor social lhe atribui em determinado contexto da sua vida ou da vida do objecto. Por isso, os símbolos não expressam significado, mas dão-nos a capacidade de dar um sentido ao objecto e ao papel do sujeito face ao objecto. Nigel Rapport (2000) argumenta ainda que o indivíduo, pertencendo a uma determinada comunidade, tem o direito de resistir e optar por reger os seus comportamentos além das normas e expectativas normalizadas por um grupo cultural e social e mapear o seu próprio curso.

Como já tivemos oportunidade de realçar, diferentes pessoas orientadas para o mesmo fenómeno, diferem umas das outras na sua interpretação em relação às suas expectativas individuais e significados, em relação à comunidade académica. Estas divergências, contudo, não representam um impedimento à interacção entre os elementos das comunidades, como nos realça Anthony Cohen:

“Individualidade e a coesão são deste modo conciliáveis. Do mesmo modo que a ‘forma comum’ do símbolo agrega vários significados que lhe são atribuídos, também o repertório simbólico da comunidade agrega as individualidades e as outras diferenças encontradas dentro da comunidade

²⁹ “Norms and values, on the one hand, become saturated with emotions, while the gross and the basic emotions, become ennobled through contact with social values” (Victor Turner, 1967: 30 in, Cohen 1985: 102). Symbols of the ‘past’, mythically infused with timelessness, have precisely this competence, and attain particular effectiveness during periods of intensive social change when communities have to drop their heaviest cultural anchors in order to resist the currents of transformation (Cohen 1985: 102)”.

e provê o meio para a sua expressão, interpretação e limitação. Ela provê o espaço dentro do qual a individualidade é reconciliável” (Cohen 1985: 21)³⁰.

Segundo esta abordagem, as pessoas podem encontrar um curso comum enquanto constroem – na sua subjectividade e interpretabilidade – a comunidade à qual pertencem. O veículo dessa interpretação são os símbolos e as diferentes interpretações são resposta às variadas circunstâncias de interacção social entre os membros das comunidades. Por este motivo, Cohen afirma que: “ *[Os símbolos] provêm [a comunidade] de meios através dos quais os indivíduos podem experienciar e expressar a sua ligação com uma sociedade, sem comprometerem a sua individualidade (Cohen 1985: 18)³¹ ”.*

3.2.1. ANÁLISE EMPÍRICA DO PROCESSO DE INTERPRETAÇÃO E SIGNIFICAÇÃO DOS SÍMBOLOS

Uma vez que cada indivíduo tem uma percepção e interpretação dos símbolos e práticas consideradas características da comunidade académica, as diferentes significações parecem materializar-se em duas formas de dar sentido à comunidade académica de modo diverso. Para os estudantes participantes nas mesmas práticas e comportamentos, possibilitam uma intensificação dos laços associativos internos do grupo. Os mesmos símbolos, para os estudantes não participantes, significam a manutenção de posições hierárquicas baseadas em relações de poder, que preferiam não ver perpetuadas pelos estudantes dentro da sua comunidade.

Atentos às frases: “*Quem a viver... não esquece!*” e “*Coimbra começou, Coimbra vai ter que ajudar a acabar*” percebe-se a diversidade de opiniões, entre os estudantes da Universidade de Coimbra, em relação à Queima das Fitas. A primeira foi o lema dos cartazes da Queima das Fitas deste ano. A segunda justificou a escolha da cidade de Coimbra para apresentar o Manifesto Anti-Praxe.

Através do modo como cada sujeito interpreta e simboliza os momentos mais marcantes na vida académica é possível inferir sobre a relação entre as expectativas de cada indivíduo sobre a vida académica e o significado atribuído à “festa académica”, enquanto momento de celebração da Academia de Coimbra. Neste sentido, os informantes avocam diferentes opiniões em relação ao significado e, conseqüentemente, importância da ‘vida académica’ no seu percurso individual: “*É*

³⁰ “*Individuality and commonality are thus reconcilable. Just as the ‘common form’ of the symbol aggregates the various meanings assigned to it, so the symbolic repertoire of a community aggregates the individualities and other differences found within the community and provides the means for their expression, interpretation and containment. It provides the range within which individuality is recognizable” (Cohen 1985: 21).*

³¹ “*They can thus provide media through which individuals can experience and express their attachment to a society without compromising their individuality (Cohen 1985: 18) ”.*

a possibilidade de teres acesso a um conjunto de coisas, de estares a tirar um curso é uma possibilidade mesmo muito grande e muito boa” (não participante).

Outro informante, *não participante*, revela que as memórias mais marcantes da sua ‘vida académica’ foram: *“Maioritariamente o que aprendi na universidade, a do associativismo, a das comunidades paralelas que se vão criando, o intercambio de experiência e conhecimentos. Levo memórias da residência onde vivi, (...) de amizades viscerais com pessoas que conheci cá e do crescimento pessoal e formação de personalidade. (...) Para isso, contribuiu em muito o facto de ter vivido numa república. Será das memórias mais fortes que levo daqui”.*

No entender deste informante ser estudante universitário implica: *“ (...) um sentido de camaradagem, que deveria existir no meio académico, no sentido da não reprodução das relações de poder e hierarquias que existem na sociedade, e enraizadas de forma muito forte (...) deveria ser algo que fizesse resistência a isso, que se reja por princípios diferentes (...) o da camaradagem, comunidade, igualdade, fraternidade, de liberdade”.* O sentimento de pertença é construído, para este membro da comunidade académica, por oposição aos ideais que pensam estar associados à festa académica e aos símbolos que entendem constituí-la.

Apesar destas divergências, todos os estudantes (*participantes e não participantes*) valorizam positivamente a sua ‘passagem’ por Coimbra. Vários motivos são enunciados por uma estudante *não participante*: *“ (...) nesta passagem, estás numa cidade diferente e a tirar um curso académico, é uma das melhores fases da vida. É realmente uma fase que vais recordar, porque te marca”.* Algumas experiências pontuais são destacadas enquanto “expoentes” da vida académica por uma estudante *participante*: *“Eu fui no carro este ano e senti-me muito orgulhosa e existem mais pessoas a sentir o mesmo, um orgulho enorme a abanar as fitas e ir no carro. E acho que esse é o expoente máximo de orgulho, em que tu te mostras em público como estudante universitária, finalista, futura doutora. Eu orgulho-me muito disso. E acho que não há isto em mais lado nenhum.”*

Questionados sobre o que lhes sugere a Queima das Fitas, os estudantes imediatamente a associam à Associação Académica, à ‘tradição’ e, conseqüentemente, a cidade de Coimbra: *“Eu sou suspeita porque sou de cá, de Coimbra. Eu adoro [Queima das Fitas]. Eu sou muito ligada à tradição académica. (...) Gosto de tudo, desde o trajar, queimar o grelo, traçar a capa, todos esses pormenores sigo-os à risca, respeito isso tudo e dou-lhes muito valor”.* Acrescenta ainda que a festa *“(...) é para a cidade. A própria cidade orgulha-se de ter a Queima que tem. E acho que os estudantes se orgulham de estar em Coimbra e da tradição que temos: a tradição académica (Comissária do Baile de Gala)”.*

O testemunho de dois informantes, *não participantes* na Queima das Fitas, revela a divergência dos significados deste momento ritual: *“Para mim, não significa muita coisa, porque nunca tive uma participação muito activa (...). Nunca considerei uma festa minha”*.

“Crítico o fenómeno da Queima das Fitas por ser alienante. Acho que aqueles que se interessam pela tradição não são assim tantos, (...) mas participam por inércia”.

Clarifica-se, portanto, que a importância que a festa assume para o universo de informantes que participam na Queima das Fitas, em particular no cortejo de quartanistas, embora reconhecida, não é partilhada: *“ O dia do cortejo é fruto do trabalho das comissões de curso. Com cotas, com trabalho, patrocínios e é um trabalho que envolve dedicação e empenho pessoal e expectativas das pessoas. Há pessoas que sonham em ir no carro do cortejo (...) o que para mim é complicado explicar. Eu não vejo a festa como algo mau, só acho que todo o esforço que as pessoas fazem para a preparação da Queima das Fitas poderia e devia ser muito melhor direccionado. São muitos milhares de estudantes a fazer um esforço conjunto para a realizar (...) e é só o cortejo.”* Acrescenta: *“Há quem diga que o dia mais importante do percurso académico é a Queima das Fitas. Porque não uma aula em que o professor a incomodou com uma ideia que até hoje não lhe sai da cabeça? (...) a Queima das Fitas tem uma importância que não compreendo”* (não participante).

Para um informante que participa na festa tem um significado diferente: *“Para mim é uma festa onde eu me divirto e estou com os meus amigos. Comemoro mais um ano que passo com eles. Uso, nestes momentos simbólicos, o traje. (...) Sinto orgulho em ser estudante universitário”*.

Segundo outra informante *não participante* na Queima das Fitas, pelo facto de não conseguir dissociar a festa dos símbolos evocados por ela, afirma: *“ (...) nesse dia, as pessoas andam, maioritariamente trajadas, o que eu critico, porque critico a praxe e eu não me revejo nessa vestimenta e ideologia que é a praxe. No entanto, eu não posso dizer que as pessoas não o devem usar. Eu consigo criticar só o facto de constituir um símbolo de uma outra prática que realmente critico, a praxe, para mim realmente não faz sentido. Consigo criticar o traje e o seu uso enquanto símbolos dessas práticas”*. Segundo esta informante: *“O único problema deste género de celebrações é que estas celebrações ajudam a construir um estatuto social que depois é utilizado e que te dá maior prestígio e importância.”*

Em relação ao Baile de Gala e Chá Dançante, os estudantes entrevistados, participantes nestes eventos, confirmam a diversidade de expectativas individuais e experiências vividas, determinantes na construção de significados para a prática ritual.

Assim, para uns: *“ É uma noite diferente que marca a transição dentro da comunidade académica de Coimbra, ligada à tradição académica. Significa a finalização do meu curso, por*

um lado e, por outro lado, o final de um período de estudos. Significa, ainda, um estatuto de maioridade e maturidade que se adquire a partir de determinado momento, isto é, (...) entras na universidade, como caloiro e saís doutor. Por outro lado, é uma altura de mudança (de transição para o mundo do trabalho) e de crescimento”. Contudo admite que existem diferentes interpretações dos mesmos momentos simbólicos: *“Para as pessoa de Coimbra tem uma simbologia diferente do que para as pessoas de fora. A mesma festa tem significados diferentes conforme os públicos”.*

Outra informante de Coimbra, que participa frequentemente no Baile de Gala, atribui-lhe um significado diferente: *“Isto para mim não é a festa académica (...) eu nem sequer vim com os meus colegas da faculdade, vim com amigas do liceu e achámos que era giro vir este ano [Jantar de Gala], que é o último da maioria das minhas amigas na faculdade”.* *“É também um dia diferente, em que te vestes de maneira diferente, em que estás num sítio diferente, e isso é sempre divertido”.*

A ideia de que o mesmo símbolo pode ter diferentes significados para os diferentes sujeitos, mesmo que estejam muito próximos uns dos outros culturalmente, enquanto membros da mesma comunidade simbólica é portanto, reconhecida pelos diferentes membros da ‘comunidade académica’.

Em Coimbra, na altura da Festa da Queima das Fitas, as identidades colectivas afirmam-se, com um sentimento de posse e pertença a um colectivo, de ligação a uma “herança” e “tradição” que unifica os diferentes intervenientes na festa, numa categoria coesa mas negociável e relacional. Como afirma um informante: *“Somos todos estudantes universitários”.* Porém, sabemos que as identidades sejam locais, nacionais, ou mesmo de classe, são múltiplas, fluidas e “negociáveis”. O mesmo indivíduo ou grupo pode privilegiar uma manifestação da identidade em detrimento de outra, de acordo com a situação ou momento em que se encontra, podendo ainda haver mais que uma mensagem numa expressão singular ou performance de identidade. Acrescente-se ainda, que a mesma manifestação ou prática permite que as pessoas se sintam pertencentes a um grupo de diferentes formas.

CONCLUSÃO

Ao longo deste trabalho, propôs-se um entendimento da festa da Queima das Fitas enquanto representação cultural, partindo de uma imagem da cultura e de uma comunidade académica imaginada e idealizada colectivamente. Assim, para este contexto etnográfico, conclui-se que a construção simbólica da comunidade académica se desenvolve recorrendo a duas dimensões

complementares: uma dimensão colectiva e outra individual. É a relação entre estas duas dimensões que permite a criação de uma rede de significados divergentes para símbolos comuns, ou tornados comuns. Conjuntamente com esta rede de significados, a partilha de um imaginário colectivo nesta cerimónia ritual veicula, além de um sentimento de pertença à comunidade académica, uma apropriação singular dos símbolos evocados durante a Queima das Fitas. Através das expectativas individuais e experiências vividas, cada indivíduo formula a sua própria concepção de comunidade, de pertença social articulando diferentes estratégias de diferenciação dentro da própria comunidade e em relação aos outros grupos sociais, garantindo a manutenção da identidade cultural colectiva.

Desta análise conclui-se que as identidades colectivas não são dadas, nem estão fixadas e muito menos são imutáveis. Ao invés, elas são dinamicamente inscritas no presente, pelas múltiplas leituras que uma manifestação pode ter, reestruturando-a, reformulando o seu significado para a comunidade e, mais amplamente, para os diversos públicos.

Por outro lado, a representação da festa e os discursos hegemónicos que a envolvem, associam-na a símbolos evocativos de um passado, unanimizado e mitificado pelo presente que o interpreta, onde os actores sociais constroem um significado da tradição, contemporânea, de acordo com as suas necessidades. Esta tentativa de unanimização do passado parece gerar, no presente, conflitos representacionais entre os discursos e as práticas rituais no presente. Os discursos sobre a festa parecem remeter para um unanimismo pretensamente existente no passado que não se encontra presente na mesma manifestação festiva, na forma como é celebrada actualmente. Esta análise permite assim, reflectir sobre a multivocalidade da festa da Queima das Fitas, na forma que assumem as distintas apropriações e interpretações dos símbolos evocados. Desta forma, a festa permite-se a várias interpretações e pode-se aferir quanto à fluidez do processo de construção das identidades e da comunidade.

BIBLIOGRAFIA

Amit, Vered (2002). “Reconceptualizing Community”. In, *Realizing Community: Concepts, Social Relationships and Sentiments*. Vered, Amit. Routledge, Londres e Nova York: 1–20.

Amit, Vered (2002). “Epilogue”. In, *Realizing Community: Concepts, Social Relationships and Sentiments*. Cohen, Anthony. Routledge, Londres e Nova York: 165 – 171.

Andrade, Mário Saraiva de.; Barros, Victor Dias [D.L. 1983]. “Código da Praxe Académica de Coimbra”. Coimbra Editora. Coimbra.

Bebiano, Rui (2003). “A Cidade e a Memória na intervenção estudantil em Coimbra”. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 66. Centro de Estudos Sociais. Coimbra.

Cardoso, Abílio (1989). “A Universidade Portuguesa e o Poder Autónomico”. Revista crítica de Ciências Sociais, nº 27/28. Centro de Estudos Sociais. Coimbra.

Cohen, Anthony (1985). “The Symbolic construction of Community”. Routledge, Londres e Nova York.

Connerton, Paul (1999). “Como as Sociedades Recordam”. Celta editoras, 2ª edição. Oeiras.

Davies, Charlotte (1999). “Reflexive Ethnography: a Guide to Researching Selves and Others”. Routledge. Londres e Nova York.

Esteves, Denise (2004). “A Festa da Sr.^a d’Agonia: uma (nova) modalidade de celebração do património cultural”. Departamento de Antropologia da Faculdade de Ciências e Tecnologia da Universidade de Coimbra.

Falcón, Ricardo (2000). “Rituales, Fiestas e Poder. Una Aproximación Historiográfica a un debate sobre su pasado e presente”. Estudios Sociales: Revista Universitária Semestral, nº 18, ano X. Santa Fé, Argentina: 89 –101.

Frias, Aníbal; Peixoto, Paulo (2002). “ Representação Imaginária da Cidade: Processos de Racionalização e de Estetização do Património Urbano de Coimbra”. Oficina do CES, 158.

Frias, Aníbal (2003). “Praxe Académica e Culturas Universitárias em Coimbra”. Revista Crítica de Ciências Sociais, nº 66. Centro de Estudos Sociais. Coimbra.

Fortuna, C. (1995). “Turismo, Autenticidade e Cultura Urbana: Percurso teórico, com paragens breves em Évora e Coimbra”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 43. Centro de Estudos Sociais. Coimbra.

Gennep, Van. (1981) “Les rites de passage : étude systématique des rites : de la porte et du seuil de l'hospitalité de l'adoption... des funérailles, des saisons”. Picard, Paris.

Linnekin, Jocelyn (1990). “The politics of Culture in the Pacific”, in Linnekin, Jocelyn; Poyer, Lin (1990). *Cultural identity and Ethnicity in the Pacific*, University of Hawai'i Press, Honolulu.

Lovell, Nadia (?). “Origin and Ritual Exchange as Transformative Belonging in the Balinese Temple”. In, *Locality and Belonging*. Ottino, Arlette. Routledge, Londres e Nova York.

Machado, F.; Costa, A.; Almeida, J. (1989). “Identidades e Orientações dos Estudantes – Classes, Convergências, Especificidades”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 27/28. Centro de Estudos Sociais. Coimbra.

Namorado, Rui (1989). “Para uma Universidade Nova – Crónica da crise de 1969 em Coimbra”. *Revista Crítica de Ciências Sociais*, nº 27/28. Centro de Estudos Sociais. Coimbra.

Rapport, Nigel and Overing, Joanna (2000). “Social and Cultural Anthropology”. Routledge. London e NY.

Schechner, Richard (1993). “The Future of Ritual: Writings on Culture and Performance”. Routledge. Londres e Nova York.

Santos, Paula (2000). “Identidades Sociais e Apropriação do Espaço: o Património Como Conceito Identitário”. In, *Trabalhos de Antropologia e Etnografia – Revista intra e interdisciplinar de Ciências Sociais e Humanas*. Sociedade portuguesa de Antropologia e Etnografia, Vol. 40 (3-4). Porto: 9- 16.

Fontes:

Diários Regionais do período durante a festa da Queima das Fitas do ano de 2005

Internet

Site oficial da Queima das Fitas

www.queimadasfitas.org

Site da Associação Académica da Universidade de Coimbra

www.aac.uc.pt

Informativo universitário

www.noticiasuniversitarias.net

Jornal Universitário de Coimbra

www.acabra.net

Portal da região centro

www.regiao centro.net

Site do movimento anti-praxe Antípodas

www.antipodas.web.pt

Suporte audiovisual:

Reportagem “Mãe, estou na Queima” emitida pela estação televisiva Sic Notícias no dia 17 de Maio de 2005.